

Covas ganha força entre os empresários paulistas

por Cynthia Malta
de São Paulo

Nos últimos dias, o senador Mário Covas, do PSDB, ganhou mais adeptos à sua candidatura a presidente da República entre o empresariado de São Paulo. No entanto, o temor em relação a uma eventual vitória do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, faz com que esses mesmos empresários pensem seriamente em apoiar o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, no segundo turno das eleições presidenciais.

Um dos líderes do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) — movimento de oposição à atual diretoria da FIESP —, Paulo Butori, diz que “muitos empresários, antes simpatizantes de Afif ou mesmo Collor, estão mudando para Covas, pois suas chances de ir para o segundo turno aumentaram”.

Butori, que já se havia pronunciado a favor de Covas há algum tempo, acredita que o candidato do PSDB está angariando votos também junto à parcela indecisa da população. O diretor do Moinho Pacífico, Lawrence Pih, participante ativo da campanha de Covas, também acredita que seu escolhido estará disputando o segundo turno.

Mas afirma que “o PSDB racha no meio se der Lula e não Covas no segundo turno”, segundo apurou Marília Stábile, deste jornal. Pih acha que a direção do PSDB deverá apoiar Collor na reta final das elei-

ções, caso Covas fique de fora. Este posicionamento, reconhece Pih, é contrário ao programa dos tucanos. Mas o “fisiologismo” de alguns recém-chegados ao partido justificaria o apoio ao “candidato da direita”.

Covas e Collor também são os nomes mais cogitados pelos empresários associados à câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, que reúne em nível nacional mais de 1.000 empresas, segundo o seu presidente Christofer Lund. “A preferência na Câmara não é muito diferente da encontrada em outras entidades do gênero. Naturalmente, os empresários tendem a achar que a melhor maneira de governar é com uma política de centro”, observa Lund.

Os empresários, no entanto, estão conscientes de que a decisão final sobre quem deverá ocupar a Presidência da República não está em suas mãos, lembrou Butori. “As elites são pouco importantes, correspondem a menos de 1% dos votos”, disse. Caso a maioria do eleitorado opte por um candidato da esquerda no segundo turno, Lula por exemplo, Butori teme até um “retrocesso” no processo de democratização, através de intervenção militar.

Em função dessa possibilidade, o presidente da Associação Brasileira de Fabricantes de Papel e Celulose, Horácio Cherkassky, defende já no primeiro turno o voto útil. “Ainda não decidi em que votarei. Vou esperar pelas pesquisas até terça-feira”, disse.